



A encomenda de obras para coleções ficcionais temáticas na Literatura Brasileira das décadas de 1990 e 2000¹

Teodoro Koracakis²

RESUMO

Este trabalho pretende investigar o surgimento e o desenvolvimento da encomenda editorial de textos ficcionais para coleções na Literatura Brasileira durante as décadas de 1990 e 2000. Inicialmente será mapeada a situação geral das coleções ficcionais nesta década, privilegiando o olhar sobre aquelas desenvolvidas por editoras de mais prestígio. Em seguida será feito um estudo de caso com a coleção Literatura ou morte, da editora Companhia das Letras. Por fim, aproveitaremos o enredo de uma obra ficcional desta coleção, *A morte de Rimbaud*, para aprofundarmos a discussão do tema da encomenda editorial na Literatura.

PALAVRAS-CHAVE: coleção; editora; encomenda.

TEXTO DO TRABALHO

A encomenda explícita de textos ficcionais, tanto na Companhia das Letras como em outras editoras brasileiras contemporâneas, acaba por concentrar-se em coleções temáticas. Nesse tipo de intervenção editorial, uma editora sugere a determinado grupo de escritores um encadeamento de temas ou assuntos, para que cada um produza uma obra ficcional. Soma-se à estratégia da encomenda explícita a estratégia de organizar o seu catálogo por coleções. A encomenda explícita de textos é algo polêmico especialmente quando se trata de textos ficcionais, já que coloca em xeque a função autor no texto ficcional. Michel Foucault, no ensaio *O que é um autor?*, publicado inicialmente em 1969, observou que a função autor não é exercida do mesmo modo em diferentes tipos de discurso, ou seja, varia a importância da autoria na recepção de diversos tipos de discursos. A partir do século XVII, os enunciados científicos só teriam validade se estivessem embasados na metodologia científica que se estabelecia; enquanto que o discurso literário passou a ser mais vinculado à figura do seu autor. No campo literário a função autor passa a ser o principal modo de classificar os discursos. A autoria do texto literário é determinante para sua recepção – quem o

¹ Trabalho apresentado no NP produção Editorial do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Literatura Comparada pela Uerj (2006), sócio da INTERCOM e analista de projetos da FINEP / MCT, email: teodoro@finep.gov.br.



escreveu é um elemento decisivo para o julgamento do valor de determinado texto literário. Portanto, a identificação da autoria individual é fundamental na publicação de um texto literário. Podemos imaginar isto como um dos motivos para que a encomenda de textos só seja vista como algo “menor” no campo literário, já que a autoria individual seria maculada pela intervenção do editor, que por meio da encomenda pode influir diretamente no resultado de produções literárias específicas. Em relação a textos não-ficcionais, o tabu da encomenda não é tão grande, já que nele a função autor não possui um papel tão fundamental. Um texto científico ou crítico de encomenda é algo encarado normalmente: um texto sobre segurança alimentar ou política cultural não é necessariamente melhor ou pior por ser encomendado.

O aparecimento da coleção temática na cena literária brasileira da década de 1990 se deve à Editora Objetiva. A encomenda de coleções ficcionais temáticas não chega a ser uma novidade completa na literatura brasileira. Em 1964, a Civilização Brasileira publicou um volume de contos inspirados nos sete pecados capitais encomendados a sete escritores já consagrados: Mário Donato, Guilherme Figueiredo, Carlos Heitor Cony, Otto Lara Rezende, José Condé, Lygia Fagundes Telles e Guimarães Rosa. E no ano seguinte lançou novo volume de textos encomendados, inspirados agora nos dez mandamentos. Esse volume trazia novamente contos de Guilherme Figueiredo, Condé e Cony e textos de Jorge Amado, Marques Rebelo, Orígenes Lessa, Campos de Carvalho, João Antônio, Moacir C. Lopes e Helena Silveira. Os volumes foram considerados sucesso de vendas, além de terem uma boa recepção da crítica dos jornais e da academia. Os 7 pecados capitais permanece até hoje no catálogo Bertrand Brasil, selo que publica os antigos textos ficcionais da Civilização Brasileira. A encomenda na produção ficcional vai voltar com força à cena literária brasileira já em finais da década de 90 com as coleções temáticas, nas quais são produzidos vários volumes de um mesmo tema, cada um entregue a um escritor diferente. Não se trata mais de um volume único com vários textos ficcionais, mas de coleção com volumes independentes sobre um mesmo tema, em que cada volume acaba tratando de uma fração do tema geral. Nessa retomada, a primeira coleção temática de grande repercussão foi lançada pela Editora Objetiva em 1998, repetindo justamente o mote dos sete pecados capitais – a coleção Plenos Pecados, que teve seu volume final publicado em 2002. A inspiração no volume de 1964 é evidente, especialmente pela repetição do tema. Outra semelhança é que a maioria das encomendas era também contratada com escritores consagrados: Zuenir Ventura, José Roberto Torero, Luis



Fernando Verissimo, João Ubaldo Ribeiro, João Gilberto Noll, Ariel Dorfman e Tomás Eloy Martínez. Porém observamos nesses dois últimos nomes mais uma diferença em relação ao seu antecessor da década de 60: agora a encomenda de uma editora brasileira ultrapassa as fronteiras nacionais e atinge um escritor consagrado chileno e outro argentino. Plenos Pecados teve alguns volumes bem aceitos pela crítica e outros nem tanto. Mas o sucesso comercial da coleção como um todo é exemplar: segundo informações fornecidas por Isa Pessoa, coordenadora editorial da coleção, em entrevista realizada no início do ano de 2003, a coleção caminhava célere para os 300 mil exemplares vendidos. Com esse resultado palpável, a Editora Objetiva continuou apostando nas coleções temáticas.

Em 2001, a Objetiva lançou a coleção Cinco Dedos de Prosa, com um tema bem mais singelo do que os pecados capitais: os dedos da mão. Foram encomendadas a cinco escritores, novamente quase todos profissionais experientes, narrativas que se inspirassem em cada um dos dedos da mão – o polegar, o indicador, e assim por diante. Na verdade, era uma paródia da própria idéia de coleção, segundo Isa Pessoa (que também coordenou essa coleção). A paródia estaria no caráter inusitado e aberto do tema, que deixava aos escritores escolhidos uma autonomia para escrever o que quisesse sobre assunto tão inusitado, ou seja, em princípio, uma coleção temática sem tema, uma encomenda aberta. A coleção inicialmente não obteve grande sucesso editorial, vendendo poucos exemplares, com uma péssima repercussão na crítica e não ultrapassando a publicação do terceiro volume até 2002. Foram publicados *Em busca de seu mindinho*, de Mário Prata; *O efeito urano*, de Fernanda Young, dedicado ao dedo médio; e *O indigitado*, de Carlos Heitor Cony, dedicado ao dedo indicador. Em 2004, a coleção foi retomada, sendo lançado o seu 4º volume: *O opositor*, de Luis Fernando Verissimo, dedicado ao polegar, conseguindo atingir sucesso comercial semelhante aos dos volumes da coleção Plenos Pecados. Moacyr Scliar – após a desistência do escritor de telenovelas Manoel Carlos – ficou incumbido de escrever o volume que finalizava a coleção, dedicado ao dedo anular. Essa última obra da coleção, intitulada *Na noite do ventre, o diamante*, foi publicada em 2005.

A trajetória bem-sucedida da Editora Objetiva, especialmente com a coleção Plenos Pecados, repercutiu fortemente no mercado editorial. Algumas pequenas editoras, muitas vezes por iniciativa de escritores/agitadores da cena literária contemporânea – como Marcelo Moutinho, no Rio de Janeiro, e Marcelino Freire, em São Paulo –, realizaram encomendas de textos ficcionais curtos a outros autores mais ou



menos iniciantes a partir de tema ou características textuais específicas, que quase sempre foram publicadas em volumes únicos. Nesse caso, estão o volume *Os cem menores contos brasileiros do século*, organizado por Marcelino Freire, publicado pela Ateliê Editorial em 2004, e *Prosas cariocas: uma nova cartografia do Rio de Janeiro*, volume organizado por Marcelo Moutinho e publicado pela Editora Casa da Palavra.

Outra experiência interessante de encomenda literária é a coleção Anjos de Branco, lançada em 2001. Não foi uma iniciativa de uma editora comercial estabelecida, mas de uma entidade profissional, o Conselho Federal de Enfermagem. A coleção faz parte de uma ampla campanha de relações públicas da entidade, que buscava, depois da regulamentação da profissão, reconhecimento da sociedade e mesmo um aumento da auto-estima dos profissionais. A coleção, composta de romances que focalizam os profissionais de enfermagem, evidentemente de forma positiva, foi um dos principais instrumentos da campanha. A encomenda foi dada inicialmente ao acadêmico Antônio Olinto – que logo se tornou o coordenador da edição – e estendida a outros autores, como Arnaldo Niskier, Carlos Nejar, José Louzeiro, Marcos Santarrita. Vários produtos da encomenda, publicados em parceria com a Editora Mondrian, são romances baseados em personagens históricos, o que acabou caracterizando a coleção. Para imaginarmos o potencial de vendas entre o público da própria categoria, devemos levar em conta que uma edição de porte considerável no Brasil conta com três mil exemplares, e que o último Congresso Nacional de Enfermagem de 2002 contou com quase dez mil inscritos.

Mas as editoras que mais se influenciaram pela iniciativa de sucesso da Objetiva foram as outras editoras brasileiras de porte semelhante que publicam ficção, como a Nova Fronteira, Rocco e Companhia das Letras. No final dos anos 1990 e início do século XXI, elas também utilizaram como uma de suas estratégias editoriais a encomenda de textos ficcionais para coleções temáticas.

A editora Nova Fronteira lançou em 2001 a coleção Primeira Página, na qual eram encomendados pequenos romances policiais inspirados em fatos reais a escritores brasileiros que não eram necessariamente especialistas no gênero. A coleção foi concebida e coordenada pelo experiente José Louzeiro – escritor dedicado à ficção inspirada em fatos apurados por reportagem policial desde a década de 1970 –, que também foi responsável pela autoria do primeiro volume da coleção, *A fina flor da sedução*. Foram publicados mais quatro textos, todos em 2001: *13 no caixão*, de Mário



Feijó; *No fio da noite*, de Ana Teresa Jardim; *Juízo final*, de Nani; e *Conexão Sardinha*, de Carlos Alberto Castelo Branco. A coleção não teve grande sucesso comercial nem houve boa repercussão junto à crítica, não chegando ao segundo ano de vida.

A editora Rocco também produziu uma coleção de encomenda dedicada ao gênero policial, intitulada *Elas são de Morte*. Na coleção, cujos primeiros volumes foram publicados em 2003, a editora encomendava romances policiais apenas a escritoras, agregando à escolha temática a escolha de gênero em relação ao autor. A coleção também foi coordenada por uma mulher, a escritora Denise Assis. Até o final de 2005, já foram publicados nove volumes – entre eles *Vende-se vestido de noiva*, da própria Denise Assis, *Uma aula de Matar*, de Ana Arruda Callado, e *Pescaria de corpos*, de Claudia Mattos – sendo que a editora pretende ainda atingir o número total de 20 textos publicados por essa coleção.

No caso da Companhia das Letras, a coleção ficcional temática desenvolvida chamou-se *Literatura ou Morte*. Ela surgiu já em 2000, quase como uma reação à coleção *Plenos Pecados*. A idéia do tema, segundo o editor Luiz Schwarcz, tomou forma depois de um encontro seu com o filósofo Leandro Konder, no qual este último lhe entregou os originais de um pequeno romance intitulado *A morte de Rimbaud*. A partir da leitura dessa obra, o editor pediu a vários escritores de prestígio – mais uma vez uma coleção deixa de fora escritores iniciantes – que escrevessem romances com duas regras básicas: um crime no enredo e o nome de um autor consagrado já falecido no título. Nem todos os escritores contatados cumpriram até hoje a encomenda, como José Saramago e Patrícia Melo. Segundo Schwarcz, a coleção encerrou-se em 2001, e mesmo se surgir outra obra a ser publicada pela Companhia com as características dessa encomenda, ela será publicada avulsamente, sem a identidade visual da coleção.

Podemos especular que, no caso dessa coleção, antes da encomenda do editor, houve uma hipotética encomenda prévia feita pelo próprio romance *A morte de Rimbaud*, que se tornou um dos volumes publicados pela coleção. Foi o surgimento desse livro que possibilitou o surgimento da coleção e, por conseguinte, dos outros livros. Um texto gerando – comprovadamente – textos, como na formulação teórica de Mikhail Bakhtin, expandida por Julia Kristeva.

Voltando à encomenda real, podemos dizer que a encomenda tenta unir elementos da literatura de massa e de uma literatura mais canônica. Sua primeira regra,

a existência de um crime, aproxima os textos da coleção da literatura de massa propriamente dita, da qual a literatura policial é um dos filões mais explorados. A segunda regra, o nome de um grande autor morto no título, insinua a encomenda na linha canônica que passa em revista a própria literatura, muitas vezes discutindo a própria produção artística ou literária. Algo já feito desde a segunda parte do Dom Quixote, que até discute explicitamente a questão de sua própria autoria, de modo parodístico. A possibilidade de uma escritura parodística também é algo implícito na segunda regra da encomenda dessa coleção, sendo também o ponto de contato entre a vertente “popular” e a “erudita”. Como há a presença de um autor-padrinho, existiria a possibilidade do modo de escrever desse autor ser de alguma forma parodiado.

É, no entanto, na resposta dada à encomenda que a combinação dessas duas regras se resolve. Literatura ou morte? A encomenda pode ser encarada como um programa a cumprir ou como um modelo a ser desrespeitado, ludibriado ou ultrapassado. Os oito escritores que responderam à encomenda, Luis Fernando Verissimo, Rubem Fonseca, Bernardo Carvalho, Ruy Castro, Moacyr Scliar e os latino-americanos Alberto Manguel e Leonardo Padura Fuentes, escolheram como pares a serem revisitados os seguintes escritores clássicos: Borges, Molière, Sade, Bilac, Kafka, Stevenson e Hemingway, respectivamente. As escolhas dos escritores homenageados quase deixaram de fora os brasileiros. Dos oito volumes da coleção publicados no Brasil, o único escritor brasileiro homenageado foi o poeta Olavo Bilac. Foram escolhidos cinco europeus, um argentino e um americano. São autores que escreveram desde o século XVIII, como Sade, até autores que publicaram já na segunda metade do século XX, como Borges e Hemingway. Exceto Bilac, todos os outros são autores de grande prestígio literário internacional, estando presente em quase qualquer texto acadêmico que tente estabelecer um cânone literário. No entanto, as escolhas deixaram de fora nomes como Cervantes, Poe, Flaubert, Proust, Balzac, Joyce e Machado de Assis, entre outros.

A coleção Literatura ou Morte foi formada pelos seguintes livros, na ordem em que foram publicados, com o respectivo número de exemplares vendidos até novembro de 2004, segundo dados da própria editora:

- *A Morte de Rimbaud*, de Leandro Konder - 4.716 exs.
- *Stevenson sob as Palmeiras*, de Alberto Manguel - 2.746 exs.
- *Medo de Sade*, de Bernardo Carvalho - 2.823 exs.



- *O Doente de Molière*, de Rubem Fonseca - 11.262 exs.
- *Os Leopardos de Kafka*, de Moacyr Scliar - 6.586 exs.
- *Borges e os Orangotangos Eternos*, de Luis Fernando Verissimo - 19.379 exs.
- *Bilac vê estrelas*, de Ruy Castro – 9.924 exs.
- *Adeus, Hemingway*, de Leonardo Padura Fuentes - 2.124 exs.

Os números de exemplares vendidos em cada obra não evidenciam um sucesso comercial espetacular. Os que ultrapassaram os 5 mil exemplares vendidos – o que denota um sólido sucesso editorial –, como os volumes escritos por Verissimo, Rubem Fonseca, Ruy Castro e Scliar, não ultrapassaram significativamente o número de exemplares que suas obras já vendem normalmente. Mas a repercussão que essas obras tiveram na imprensa foi bem maior do que esses números refletem. Uma série de reportagens, resenhas e críticas eram publicadas a cada novo livro. Independente do trabalho de divulgação da editora, a proposta da coleção e as obras em si tiveram um espaço diferenciado de divulgação na imprensa. No meio acadêmico, a repercussão dessas obras também foi bastante positiva. Dissertações de mestrado e teses de doutorado têm sido produzidas com alguns desses livros como objeto de estudo, especialmente os textos de Verissimo e Scliar. Os textos da coleção também tiveram grande sucesso como textos paradidáticos. Diversas escolas de Ensino Médio usaram a coleção para tentar aproximar os seus alunos das questões literárias.

A coleção teve um trabalho de criação de identidade gráfica bastante interessante desenvolvido pelo designer Raul Loureiro. O fundo da capa utiliza principalmente duas cores: preto, na metade de cima, e uma cor quente – amarelo, vermelho ou azul – na parte de baixo. A metade de cima, de fundo preto, recebe o título da obra, com letras da mesma cor do fundo da metade de baixo, com o corpo do nome do autor homenageado bem maior do que o resto do título. O nome do escritor vem na parte de baixo com letras de cor preta, sendo o sobrenome em corpo maior do que o nome. Essa disposição gráfica dá um efeito de destaque e contraste entre os sobrenomes do autor real e do escritor homenageado, como no caso RIMBAUD/KONDER. Nas orelhas dos livros, estão presentes, de forma padronizada, fotos dos dois escritores, menos no caso do livro de Rubem Fonseca, onde a foto de Molière está sozinha. Ainda há espaço no projeto gráfico do livro – após o texto literário – para pequenos resumos biográficos do autor e do escritor-personagem. Algumas vezes o resumo biográfico do escritor homenageado é assinado pelo próprio autor do livro.

Tanto esse projeto gráfico como a posição central dos autores escolhidos na literatura brasileira contemporânea e a dos escritores-personagens na *Weltliteratur* evidenciam a formação de um duplo cânone. São dois panteões que se formam, cada um legitimando o outro: o dos grandes autores de todos os tempos e o dos grandes autores brasileiros de finais do século XX, estes últimos em processo menos aceito de canonização literária. E a própria editora canoniza-se a si mesma como a grande editora da literatura brasileira contemporânea, se legitimando com a referência e reverência aos grandes escritores da humanidade e a publicação conjunta de obras escritas por alguns dos principais escritores brasileiros, todos – com a exceção de Verissimo – freqüentadores habituais de seu catálogo.

Capítulo à parte na recepção dessa coleção, foi a grande quantidade de editoras estrangeiras que se interessaram em publicá-la, parcial ou integralmente. Mais do que republicar as obras produzidas pela encomenda da editora brasileira, muitas dessas editoras fizeram as suas próprias encomendas para escritores de seus próprios países de origem, no mesmo escopo da coleção – além das obras, a própria concepção da coleção foi de alguma forma exportada.

A editora colombiana Norma adquiriu os direitos de alguns volumes da coleção para publicação na América Latina, tendo publicado os textos de Rubem Fonseca, Alberto Manguel e Leonardo Padura Fuentes. Além desses volumes, ela já publicou quatro encomendas próprias feitas a escritores colombianos. *Camus, la conexión africana*, escrita por Rafael Humberto Moreno-Duran, foi publicada em 2003, abordando o envolvimento do escritor na luta pela independência de sua Argélia natal na década de 1950. Também em 2003 Julio Paredes publica *Cinco tardes com Simenon*, novela policial na qual o próprio escritor belga de romances do gênero George Simenon ajudará a desvendar um crime. No mesmo ano Germán Espinosa publica *Rubén Darío y la sacerdotisa de Amon*, contando uma história vivida pelo poeta Rubén Darío na costa francesa em 1910. Em 2005, é lançado *El corazón de Voltaire*, escrito por Luis López Nieves, que cria uma novela epistolar desenvolvida por meio de mensagens eletrônicas em que a trama envolve a busca nos dias de hoje da autenticidade dos restos mortais de Voltaire.

A versão latino-americana da coleção tem uma identidade própria, diversa da configuração gráfica brasileira. Não foi utilizado na capa o contraste entre os nomes dos dois escritores envolvidos. Das obras originais da coleção, são publicadas apenas as produzidas por autores latino-americanos e a do autor brasileiro de maior



prestígio na América Latina, Rubem Fonseca, ganhador do prêmio Juan Rulfo. A editora optou por fazer encomendas no escopo da coleção a escritores da própria Colômbia, sendo o mais consagrado Julio Paredes. Moreno-Durán e Espinosa ainda são escritores jovens, de produção ficcional pequena. Os autores que inspiraram as obras colombianas foram tanto europeus, como Simenon, Voltaire e Camus, como latino-americanos, no caso do poeta nicaraguense Rubén Darío. São também autores de gêneros diversos – ficção, poesia, ensaio filosófico e da própria literatura policial, no caso de Simenon.

Não é só no mercado latino-americano que isto aconteceu. A editora escocesa Canongate adquiriu os direitos da coleção, publicando dois volumes em 2004, o de Bernardo Carvalho, traduzido como *Fear of Sade*, e o de Alberto Manguel, *Stevenson under the palm trees*. A novela de Padura Fuentes, *Adiós, Hemingway*, foi publicada em janeiro de 2005. A editora escocesa lançou também uma encomenda inspirada na coleção, *Tamburlaine must die*, escrita pela escocesa Raquel Welsh. Essa obra, publicada em 2004, não segue a regra fundamental da coleção original, que é ter um autor no título. Na verdade, o nome que aparece no título, Tamburlaine, é o de um personagem da obra do teatrólogo britânico Christopher Marlowe. O escritor aparece na trama como antagonista do seu próprio personagem. A editora Canongate não publica esses livros como coleção ou série individualizada, não possuindo esses livros identidade gráfica própria. No catálogo são indicados como fazendo parte do gênero “fiction” e não do gênero “fiction – crime”.

A editora portuguesa ASA foi a única a publicar a coleção quase na íntegra. Até 2005, ela publicou sete dos oito livros da coleção original, substituindo o único livro dedicado a um autor brasileiro, *Bilac vê estrelas*, de Ruy Castro, por um dedicado ao poeta português Fernando Pessoa, *Os fantasmas de Pessoa*, de Manuel Jorge Marmelo, publicado em 2004. A coleção mantém a concepção gráfica original da Companhia das Letras. Na folha de rosto de cada volume da coleção lançado pelas Edições ASA aparece um pequeno texto que explica a proposta da coleção Literatura ou Morte, vinculando-a à editora brasileira:

“Literatura ou Morte” é um projecto original da editora brasileira Companhia das Letras. Na sua origem, esteve a idéia de desafiar conhecidos autores, de diferentes nacionalidades, a escreverem um pequeno romance, de características mais ou menos policiais, em que o personagem principal fosse um famoso escritor. Kafka, Hemingway, Borges, Sade, Stevenson, Molière ou Rimbaud, entre outros, desfilarão assim ao longo dos diferentes títulos desta colecção,



recriados pela imaginação de grandes nomes da ficção contemporânea. (MARMELO, 2004)

Esse texto ilumina a dimensão autoral da editora brasileira ao formatar a coleção. Essa ação de organização de uma coleção e encomenda de textos literários é mais do que um simples filtro da produção literária; é um verdadeiro ato de intervenção criadora. O papel da editora portuguesa acaba sendo de reprodução do projeto editorial brasileiro, com a sua encomenda local obedecendo a uma fórmula já traçada anteriormente. Uma encomenda gerada por uma idéia de uma editora brasileira proporciona à antiga metrópole um reencontro – por meio da ficção – com a vida e a obra de um dos seus principais poetas.

Esse prosseguimento autônomo da coleção nos países que a publicam revela de alguma forma uma situação em que uma editora brasileira acaba influenciando diretamente na produção de outras literaturas nacionais. Produz-se um grande jogo de vetores de influências recíprocas, no qual a literatura brasileira inicialmente dialoga com a literatura estrangeira por meio da criação de obras que se inspiram em grandes autores mundiais e em seguida a influência muda de sentido: tanto pela encomenda de uma editora brasileira a escritores estrangeiros como pela reprodução da encomenda brasileira em outros países.

Ainda outras editoras estrangeiras também adquiriram os direitos de algumas obras da coleção, como a Grove, americana, a Actes Sud e a Métailé, francesas, e a Tranan, sueca. Mas nenhuma delas publicou essas obras formando uma coleção, nem fizeram encomendas que reproduzissem o espírito da coleção Literatura ou Morte.

A coleção também produziu um filho não reconhecido. O escritor paulista Luís Augusto Marcelino publicou em 2002, pela pequena editora Beca, *Verissimo e os chipanzés efêmeros*, seguindo e parodiando o espírito da coleção, e, mais especificamente, o texto *Borges e os Orangotangos eternos*, de Luis Fernando Verissimo. A trama mistura vida literária e futebol, envolvendo como personagens os autores contemporâneos Luis Fernando Verissimo e Moacyr Scliar – que já tinham publicado seus textos pela coleção –, bem como um alter ego do escritor iniciante Luís Augusto Marcelino: Luís Fernandez Maurício. A trama parodia a relação, instaurada em *Borges e os Orangotangos eternos*, entre o narrador Volgstein e Borges, que ainda veremos quando formos analisar esse romance. Mesmo sem receber nenhuma encomenda ou participar de qualquer negociação prévia com a Companhia das Letras,

Luís Augusto Marcelino não pede licença e sem cerimônia aproveita livremente a idéia da coleção *Literatura ou Morte*. O texto pronto – segundo o autor, em entrevista realizada em setembro de 2005 – foi oferecido inicialmente à Companhia em 2001, mas não foi aceito para publicação sob a alegação de que a coleção já estava fechada em relação a autores e obras. A editora seguiu seu padrão de não publicar obras de autores desconhecidos que chegam sem nenhuma intermediação.

Analisaremos agora o próprio texto matriz da coleção, *A morte de Rimbaud*, que, como vimos, não foi encomendado. A análise dessa obra é fundamental nos nossos estudos por nos proporcionar um exame de várias questões do ambiente literário, inclusive do papel do editor na produção literária. A opção desse texto é por uma paródia de uma espécie de evento literário-editorial, do qual pode ser feita uma analogia com o próprio sistema de encomenda. O romance é dividido em sete capítulos, cada um correspondendo a um dia da investigação do detetive Sdrws. A narração é sempre na primeira pessoa e conduzida por diversos personagens: o investigador, os suspeitos e as possíveis testemunhas. A narrativa é então um somatório de vários pontos de vista, muitas vezes conflitantes. O enredo é o seguinte: um milionário apaixonado por literatura francesa reúne num hotel de sua propriedade cinco escritores supostamente talentosos e produtivos. Oferece a cada um deles uma bolsa, sem nenhuma necessidade de contrapartida literária, “eles não estariam obrigados a apresentar ‘produção’” (KONDER, 2000, p. 20). Pelo menos é o que está dito inicialmente. Os escritores passam então a ser conhecidos pelos nomes de grandes autores franceses do passado:

Cláudio Nicodemo da Silva passou a ser chamado afetuosamente de Claudel. Mauro Teodoro dos Santos Oliveira, com o prenome adaptado à pronúncia francesa, “Mauro”, virou Malraux. José Tibúrcio Gonçalves Aragão se transformou em Aragon. João Carlos Suslov, que pelo sobrenome tinha sido apelidado “o Russo” por seus companheiros de bar, tornou-se “Russo”, quer dizer, Rousseau. E Severino Cavalcante, que freqüentava uma academia de musculação e era brincalhonamente chamado de “Rambo” pelos ginastas (“Rambô”, na forma afrancesada), ficou sendo Rimbaud enquanto viveu. (KONDER, 2000, p. 21)

A história começa com a morte suspeita de Rambô. E é desenvolvida com a chegada na fictícia cidade turística onde se encontram, chamada de Guariroba, do detetive Sdrws, que supostamente deve desvendar os acontecimentos. Esse pretexto serve para uma investigação não só de um crime, mas das circunstâncias da vida



literária. São questões que aparecem na leitura do texto: o trabalho do escritor é livre? O que faz uma obra literária valer mais ou menos? O que é ter talento para a literatura? Literatura pode ou deve dar lucro? Escrever literatura é o mesmo que trabalhar, produzir? O pequeno romance de Konder não responde definitivamente nenhuma dessas perguntas, mas deixa algumas pistas.

Um dos narradores, Saint-ex, de Saint-Exuperi, gerente do lucrativo hotel cujo dono, o milionário Bergotte – nome inspirado em um personagem de Proust – hospedou os cinco escritores “promissores”, logo no início da trama, apresenta seu patrão como um homem extremamente desajustado por ser um homem de negócios que adora e gasta dinheiro com literatura, colocando já em questão a produção literária como negócio:

Às vezes, chego a desconfiar que o patrão está gagá. É possível que antes mesmo de ganhar na loteria ele já estivesse meio maluco. Que homem mais esquisito! A paixão dele por literatura nunca foi normal. Como se explica que um grande empresário passe os fins de semana sistematicamente mergulhado numa imensa biblioteca, sem querer tomar conhecimento de nenhum assunto das empresas, sem atender a nenhum telefonema de trabalho. Sem admitir que o procurem para falar de negócios? (KONDER, 2000, p. 17)

Fazendo uma leitura alegórica desse trecho, podemos sentir a presença de uma velha questão: literatura pode ou deve dar lucro? A separação entre literatura e negócio em campos diametralmente opostos é algo que está arraigado em um tipo de pensamento que já foi investigado principalmente no primeiro capítulo desta tese. No texto, o movimento de Bergotte em aproximar esses dois pólos no espaço do hotel é visto pelo detetive Sdrws como algo extremamente problemático: De um lado, uma atividade comprometida com o objetivo essencial do lucro; do outro uma prática absurdamente assistencial. Ambas se acotovelando, promiscuamente. (KONDER, 2000, p. 19)

Essa promiscuidade no nosso ponto de vista é algo que em um sistema capitalista tende a ser o padrão. E independentemente de gostarmos desse sistema ou não, a atividade literária, no prisma do autor e do editor, procura atingir um público; um público mais amplo no caso da literatura de massa e um público mais restrito, no caso de uma literatura de qualidade literária mais consagrada. O que também não quer dizer que boa literatura não vende, já que na história da leitura proliferam casos em que ficções inovadoras e extremamente “difíceis” atingiram notáveis níveis de venda. Sem

falar de obras de alto valor literário que possuem simultaneamente alguns aspectos similares ao da literatura de massa.

A trama de *A morte de Rimbaud* tem como centro um assassinato ocorrido no interior de uma comunidade de escritores (reunidos por uma espécie de mecenas) que não têm a obrigação de produzir textos, apesar de receberem gratuitamente hospedagem, alimentação e remuneração. Podemos ler essa trama como uma paródia da modalidade editorial da encomenda. A situação de encomenda é rica para a revelação da participação do editor como autor/co-autor e da relatividade da pretensa independência do escritor, no caso o de romance. Como vimos, não é só na encomenda propriamente dita que o editor tem um papel ativo na criação literária – também emerge na seleção de originais, na escolha de uma política editorial específica, no diálogo com os escritores, e em outras possibilidades examinadas nesta tese. Mas é na encomenda que ela se revela com traços mais fortes. A relação de Bergotte com seus pupilos permite um sobrevôo, numa perspectiva ficcional, sobre as relações editor/escritor, especialmente no caso da encomenda. Em trecho extremamente útil para a nossa investigação, Sdrws explica o funcionamento da comunidade de escritores:

Quando o conheci, há três anos, ele tinha ganhado uma quantia considerável na loteria e acabara de fundar a Associação Nacional dos Grandes Escritores. Entronizou-se como presidente vitalício da entidade e nomeou seus membros: cinco escritores que, conforme a sigla da organização, ANGE, passaram a ser chamados de “anges” ou em português mesmo, anjos.

Os anjos passaram a receber uma pensão bastante expressiva durante 10 anos e ganharam tratamento de primeira categoria no Grande Hotel de Combray. [...]

A bolsa concedida aos cinco anjos não implicaria nenhuma contrapartida. Eles não estariam obrigados a apresentar “produção”. Como dizia o mecenas, era apenas um “apoio à criação literária”: pressupunha nos escritores um talento e uma forte vontade de escrever que mereciam ser estimulados. A única exigência era a de que deveriam morar nos cinco bangalôs especiais ligados ao Grande Hotel de Combray. [...]

Bergotte, na época da criação da ANGE, ainda se locomovia com algum desembaraço e visitou pessoalmente uns setenta ou oitenta escritores; entrevistou-os, leu alguns dos escritos por eles publicados e, segundo sua versão, selecionou os “melhores”. Há quem diga, entretanto, que na realidade os cinco felizardos escolhidos foram aqueles que, espertamente, exploraram a paixão do doador pela literatura francesa e exibiram maiores afinidades (reais ou fingidas) com autores venerados por Bergotte. (KONDER, 2000, p. 20 - 21)

A grande ironia do trecho é o investimento em uma não-produção literária. Na verdade, é criada uma situação de proteção aos escritores extremamente propícia “em tese” para a criação literária. Podemos pensar que a criação de uma



situação tão especial vai ter um reflexo no resultado do texto literário, até porque essas condições dadas proporcionam o seu aparecimento. Bergotte seria então, de alguma forma, co-autor das obras surgidas na sua empreitada. Saindo do texto, no ambiente literário brasileiro atual, surgiu uma situação muito parecida com essa situação ficcional. A Editora Planeta – ligada a uma multinacional do ramo editorial de origem espanhola, que entra no mercado de produção de livros brasileiro neste início de século XXI – concedeu, no início de 2003, bolsas a três jovens escritores, Chico Mattoso, João Paulo Cuenca e Santiago Nazariam, e ofereceu a eles hospedagem na cidade histórica de Parati, com a missão de escrever cada um deles um texto ficcional com alguma alusão a Parati. O resultado virou o livro *Parati para mim*, que foi lançado durante a Festa Literária de Parati, realizada em julho desse mesmo ano.

No trecho anteriormente transcrito existe também menção à seleção dos escritores que fariam parte da comunidade. A seleção não é “desinteressada”, guiada apenas por um hipotético valor literário. O que vale é o gosto de Bergotte. A sua paixão pela literatura francesa foi decisiva nas escolhas. Fazendo novamente uma analogia com o ambiente real da produção literária, podemos observar que a escolha de originais nunca é “pura” e destituída de intenções. Ela é marcada pela política editorial em relação à ficção da editora e até mesmo pelo gosto pessoal dos responsáveis pela seleção de originais. Ou seja, estão envolvidos perspectivas de lucros, gosto pessoal e até mesmo o valor literário. Muitas vezes, no sistema editorial brasileiro atual, e na Companhia das Letras em particular, o que há são seleções de escritores e não de originais: é dado grande peso ao prestígio que o escritor já tem em detrimento do potencial do texto em si. Essa situação dificulta o aparecimento de novos escritores de ficção.

A trama do livro de Konder desenvolve-se com a investigação de Sdrws, que põe em xeque o envolvimento dos escritores – todos vistos como suspeitos – com a vítima. Mas, ao final do romance, o verdadeiro objetivo da investigação nos é revelado. Sdrws foi contratado por Bergotte não para saber quem é o assassino, mas para saber como está a produção a literária de cada um:

Contei-lhes que, a pretexto de me enviar para a Guariroba com a missão de investigar a morte de Rimbaud, o que Bergotte queria era um relatório objetivo sobre as atividades literárias deles. Queria saber a quantas andava a criatividade, em que pé estava a produção. No fundo, o que o mecenas pretendia era obter uma confirmação para aquilo que estava farto de saber: os



que se beneficiavam da sua ajuda tinham morrido como escritores (se é que antes existira algum escritor realmente vivo dentro deles). (KONDER, 2000, p. 150)

A partir da leitura desse trecho, podemos pensar que na relação escritor/editor é este último o pólo mais comprometido com a produção. Enquanto o escritor pode se preocupar mais com as dimensões estéticas da criação literária, o editor tem o seu foco no econômico. Com esse foco no econômico, também mira seu olhar para um hipotético público-alvo, independentemente de seu tamanho. Uma boa parceria entre escritor/editor não diminuiria necessariamente a qualidade literária da atividade realizada pelo primeiro, ajudaria na verdade na complexa sintonia entre texto e leitor. E contribuiria para realizar um desejo de qualquer projeto literário: viabilizar a aventura da leitura. Reflexões como essa são proporcionadas não pela leitura de um ensaio acadêmico sobre o papel do editor na produção literária, mas pela leitura de um texto ficcional que faz parte de uma coleção de encomenda – que numa crítica mais apressada poderia ser visto como um simples livro do gênero policial, com objetivos de simples entretenimento.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, Terezinha. *Ficção impura: prosa brasileira dos anos 70, 80, 90*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemática da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.
- BRAGANÇA, Aníbal. *Eros Pedagógico. A função editor e a função autor*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo, Escola de Comunicação e Artes / USP, 2001.
- BORDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. de Maria Lucia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- _____. *A produção da crença: a contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo, Zouk, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Trad. de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. *O que é um autor?* Lisboa, Vega, 1992.
- KONDER, Leandro. *A morte de Rimbaud*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- MARCELINO, Luís Augusto. *Veríssimo e os chimpanzés efêmeros*. São Paulo, Beca Produções Culturais, 2002.
- MATTOSO, Chico (et al.) *Parati para mim*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2003.